

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES



Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Rio

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTONIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Rápida relance do ano de 1955

O mundo viveu horas de angustiante incerteza ao longo de todo um ano que se foi. E, ao recordarmos, embora fugazmente, os factos mais significativos, algo de triste e desolador se misturara com o gozo aparente de ensossos momentos, tantas vezes dúbios e doentios, que nada significaram, que nada deixaram de útil e que, como vapores, se volatilizaram no éter deixando a descrença nos destinos das nações, a incerteza no futuro e uma expectativa que perdura em todas as almas de todas as nações do mundo.

A dor e a alegria, a guerra e a paz, a fome e a fartura, a amizade e o ódio, a compreensão e o despeito, a calúnia e o amor, a tragédia e a esperança, o nascimento e a morte, caminharam juntos ao longo de montes e vales, de rios e oceanos, nos ares e nas almas...

Atentara-se contra a dignidade humana, maculara-se de vez a esperança a corações que

sonharam realizar uma obra e ceifara-se do convívio dos seus tantas vidas em botão... tudo por mercê dos designios do homem em busca de ambições desmedidas, de fátuas glórias, de vaidades e prazeres...

E o mundo gira na mesma... só a palavra de Deus, eterno hinc de verdade, farol bendito, ensina o homem a seguir a trajectória da justiça e esta só

Porém, a Alemanha, fracionada em dois blocos de regimes opostos, viveu e vive ainda de sobressaltos constantes de pessimismos manifestos, suportando, como desoladora resignação, a vontade dos homens que se representam nos «Quatro Grandes», que, como se sabe, nada de imediato resolveram a bem daquela nação que tem de perdurar para honra da Europa e salvaguar-

lembranças tristes como por exemplo, a tragédia ocorrida entre Poiares e Coimbra, quando 8 jovens pilotos aviadores e os seus aparelhos a jacto se transformaram num desolador montão de destroços.

No dia 14 de Setembro morreram 16 tripulantes duma traineira que se afundou à saída da barra de Aveiro. No mesmo mês, na Argentina, deu-se a revolta contra Peron, que, depois, foi demitido, vindo-se obrigado a deixar o País.

Em Outubro, Portugal, vê partir para Londres (dia 25) o Senhor General Craveiro Lopes onde foi aclamado com grandes manifestações de simpatia.

Em Dezembro, Foster Dulles, declara que o mundo inteiro considera Goa uma Província portuguesa e não uma Colónia de Portugal.

E no dia 10 de Dezembro o órgão oficial do Vaticano confirma a visão de Jesus pelo Sumo Pontífice.

Na véspera de Natal, o Santo Padre, dirige um apelo a

Por ANTONIO BAPTISTA

se pode conseguir quando cada um tiver a coragem de se querer conhecer a si mesmo.

A justiça, segundo Joubert, é a verdade em acção; mas — como dizia Montesquieu — «a injustiça feita a um homem, é uma ameaça para todos».

*

O mundo viveu horas de angustiante incerteza ao longo de todo um ano passado. A esperança é a crença nos destinos das nações caminharam, por vezes, desamparadas, ao longo de tantas e repetidas conferências, nas mais diversas latitudes do globo.

Em Janeiro de 1955 o mundo assiste ao assassinio do Presidente do Panamá. No mesmo mês ainda, a Costa Rica é invadida por forças vindas de Nicarágua, e a ilha chinesa de Tachen é violentamente bombardeada por aviões comunistas chineses.

O ano que passou, pleno de efemérides de toda a ordem, tanto no campo político-social, como no sector económico e religioso, trouxe ao seio dos povos horas tristes e sombrias bem como horas altas de fé confiante no progresso das ciências, da economia, da paz social e do equilíbrio entre as Nações.

da da civilização ocidental.

O ano que passou, sempre ambicioso de marcar a sua passagem, mostra-nos a queda de Malenkov e a sua substituição por Bulganine.

O panorama do mundo avoluma-se de factos que não podem tombar no olvido.

Salazar, erguendo a sua voz, encheu de patriotismo uma página da rossa história contemporânea, falando-se assim ao «Daily Telegraph»:

«Podemos perder os nossos compatriotas na Índia Portuguesa, mas nunca os venderemos».

Em Inglaterra vemos Churchill, com 80 anos de idade, deixar o mais alto posto político para, com a certeza de continuidade, o entregar a Anthony Eden.

Em Angola foi encontrado petróleo. No dia 18 de Abril, o grande sábio alemão Albert Einstein, com 76 anos, deixou o mundo dos vivos depois de ter legado à humanidade o fruto do seu talento: as suas teorias.

No dia 22 do mesmo mês chega a Portugal o Dr. João Café Filho, Presidente da República do Brasil, que é apoteoticamente aclamado.

O ano de 1955, tantas vezes sombrio e enigmático, deixou

A vontade bem adestrada a competir manifesta-se na preparação cuidadosa e metódica, na perseverança após o mau êxito, na resistência ao mais forte, na tolerância dos incómodos, na audácia e no superamento de si mesmo.

PIO XII

Com o advento do nosso século, o desporto assumiu tais proporções, pelos grupos de amadores e profissionais, pelas multidões que enchem os estádios e pelo interesse que desperta através da imprensa, que constitui um fenómeno típico da sociedade moderna.

PIO XII

Figuras célebres da Humanidade

PASSOU no dia 27 de Janeiro o bi-centenário do nascimento de um dos maiores génios da humanidade João Crisóstomo Wolfgang Amadeu Mozart.

Todo o mundo culto celebrou com cerimónias grandiosas este acontecimento.

Os homens, para fazerem justiça aos seus semelhantes, precisam de os ver a longos anos de distância quando a sua figura gigante já não lança sombra que esconda numa meia-obscuridade, aqueles que o rodeiam.

Mozart, foi realmente um daqueles prodígios da Natureza que de tempos a tempos surgem na terra, como astros de luz sobrenatural e resplendente e ficam a iluminar as gerações futuras, causando assombro pelos séculos fora.

A humanidade curva-se reverente diante dos seus túmulos, ergue-lhe estátuas, perpetua-lhe o nome em praças e avenidas, debruça-se atenta sobre a sua vida, estuda-lhe e conserva com carinho a obra, mas, tudo isto não é, apenas, uma dívida de gratidão, é antes um acto de arrependimento contrito pela injustiça que, na vida, sofreram, muitas vezes, esses homens demasiado grandes para o meio mesquinho em que tiveram a infelicidade de viver.

Mozart, nasceu pois em Janeiro de 1756, em Salzburgo, terra cheia de belezas naturais, onde seu pai, João Jorge Leopoldo, era músico de capela do príncipe-bispo da cidade. O pai era já um músico distinto: executante, compositor e autor dum método de violino, que lhe consolidara fama europeia.

Este homem tinha ainda altas qualidades morais, embora, os críticos não lhe perdoem a vaidade e, talvez, a ambição exageradas que, o levaram a expor, o filho de 5 anos, apenas, como um prodígio, pelas mais cultas e distintas cortes da Europa, onde os aplausos, o entusiasmo e as deferências principescas rodeavam o pequena artista.

Aos quatro anos, dizem os biógrafos, o pequenino Mozart, revelou num pequeno episódio, as suas invulgares qualidades de músico genial. Logo o pai Leopoldo, exultando de alegria, ao

favor da proibição das armas termo-nucleares.

E assim, caros leitores, tivemos ocasião de passar uma rápida vista de olhos a alguns dos maiores acontecimentos do ano que passou.

Deus permita que este de 1956 nos seja propício a todos e traga ao seio dos homens um mundo de Paz e de Justiça.

MOZART

mesmo tempo que se devotava com amor, ao desenvolvimento dessas raras faculdades, aproveitou o ensejo de mostrar, ao mundo, o talento daqueles filhos tão queridos e que o enchiam dum orgulho exagerado, embora legítimo. Mozart tinha uma irmã mais velha quatro anos, que desde pequenina estudava música e se revelara também uma maravilhosa executante. Com os dois pequenitos, Leopoldo, de sucesso em sucesso, percorre Munique Passau, Lins e desce o Danúbio até Viena.

Em todos os palácios de príncipes e castelos de nobres o acolhimento era igual, porque, todos, pasmavam com o prodígio daquela criança que interpretava a música de maneira a assombrar as mais competentes autoridades no assunto.

Em 1763 abandonam Viena e regressam a Salzburgo, architectando o projecto de em breve ir a Londres e a Paris.

Em Paris as aclamações, os carinhos e os presentes igualmente rodeavam o pequeno e prodigioso artista. Af publicou Mozart as suas duas primeiras obras—quatro sonatas para cravo.

De Paris seguem para Londres onde a corte inglesa os encanta e onde Mozart deslumbra os soberanos, ambos com uma esmerada cultura musical.

Depois de aclamado por multidões e coberto de presentes,

regressa ao lar, onde o encantam as coisas simples que o rodeavam em menino.

Os anos vão passando e Mozart é, já, um valor com características próprias e uma personalidade definida. A par do músico genial, ombreia uma alma delicada e um carácter recto. Dizem os críticos que da sua convivência com os amigos deixou provas de abnegação; da sua vida com Constança (esposa tão amada) fez ele um noivado contínuo.

Mas depois que realizara o anseio do seu coração e fundara um lar, graves problemas o atormentam, porque precisava de ganhar o suficiente para aguentar os encargos que o sustento da família lhe traziam.

Dava lições de cravo e composição e, aos proventos obtidos com a leccionação diária, juntava ainda, Mozart, os ganhos que conseguia das audições de música de câmara que aos domingos, realizava em sua casa, com entradas pagas.

Embora de triunfo em triunfo, Mozart vá subindo para a imortalidade, a sua vida vai dentro em breve sendo um negro calvário, onde, de mãos dadas, se juntam, para o martirizar, a pobreza, a inveja, a indiferença e a doença.

Exausto pelo trabalho contínuo e fatigante, vai Mozart perdendo a saúde. A morte apro-

xima-se a passos largos, e os homens egoisticamente vêem o pobre artista travar uma luta penosa para conseguir o pão de cada dia.

Desesperado por tanta incompreensão, por tanta inveja e por tanta perfídia, desiludido e esgotado, vive os últimos meses da sua vida, compondo um Requiem encomendado, mas com a impressão aluciante de que compunha o acompanhamento do seu próprio funeral...

Assim foi realmente, pois, enquanto conservou algum alento débil de vida, trabalhou nessa obra-prima que deixou incompleta. Foi curta a vida, mas longo foi o martírio deste homem genial a quem os contemporâneos não regatearam aplausos, mas que deixaram morrer pobremente.

O infortúnio foi tão grande que, os poucos amigos que o acompanhavam ao cemitério, fugiram apavorados ante uma tempestade medonha que se desencadeara.

Entregue o caixão a homens ignorantes e inconscientes, estes, para mais depressa se acabarem os seus trabalhos, atiraram-no para a vala comum, onde nunca mais foi possível saber com verdade, qual o corpo do artista consagrado que aos 36 anos, apenas, morria sem dinheiro, sem honras e quase sem amigos.

As suas obras são variadas. Contam-se 779 entre missas, concertos de câmara, concertos de violino, de piano, óperas, etc.

Em 1859, a cidade que o vira triunfar, pagou-lhe a primeira dívida de gratidão inaugurando uma estátua.

Hoje todo o mundo conhece, aprecia e exalta o artista e homem digno que foi Wolfgang Amadeu Mozart.

Ladrões da Rua...

(Continuação da página 8)

e o relógio de pulso. O que esta menina quisera.

Eu estava, na verdade, com muita pena da mulher, cujos lamentos enterneciam as pedras da calçada, e estava também cheia de pressa. Anuí entreguei-lhe o cordão. Recebi dela, em troca, o embrulho das notas e comentei:

— Vou metê-las no seio, como a senhora as tinha, assim enroladinhas e bem guardadas.

Quando regresssei a casa não podia tirar a respiração de contente. Disse à minha patroa:

— Ai, minha senhora, eu hoje já estou rica. Em lugar dum cordão vou comprar três, mais grossos ainda do que aquele que tinha.

— Então, porquê? Achaste alguma carteira? — perguntou ela.

— Não. Apareceu-me uma mulher, que nunca tinha visto, nem conhecia, que em troca do meu cordão me entregou um grande maço de notas.

— Oxalá que tu não tivesses caído no conto do vigário...

— Não senhora. Trago-as aqui, quer vê-las?

Tirei o embrulho do seio e desfiz-lo. Numa nota de quinhentos escudos vinham enrolados vários papéis sem valor.

Fiquei sufocada de raiva. A minha patroa teve um sorriso amarelo e observou:

— Ainda resta saber se essa nota é verdadeira...

Ao ouvir isto, desatei aos gritos e caí no chão com um cheli-que.

José Crespo

O «Boletim Social da TEBE» é feito com alma erguida, sem maldade e sem vício, porque leva a verdade e a luta; tarde ou cedo, há-de destruir a falsidade que se esconde na sombra, e trazer à luz da vida os que a mentira deserdou...

E só a verdade — como dizia Catão — pode alicerçar-se na autoridade. Ou, então, como escrevia Cervantes:

«A verdade adelgaça, mas não quebra, e anda sempre por cima da mentira, como o azeite na água.

Assim queremos que seja o nosso Boletim.

Saudação aos Ex.^{mos} Senhores

D. Generosa Campos Henriques

e

Mânia Campos Henriques

Pelo bibliotecário da Biblioteca Municipal de Pinhel

27 de Janeiro de 1926 — 27 de Janeiro de 1956

Faz hoje, precisamente, trinta anos, que na risonha e próspera freguesia de Cerejo, a três léguas de Pinhel, se uniram para sempre os Ex.^{mos} Senhores Dona Generosa Gonçalves Outeiro (Campos Henriques) e Mário Campos Henriques, pessoas de todo o respeito e esmerada educação.

O ditoso lar que, por mercê de Deus, tanto bem tem feito dos bens que a Providência lhe concedeu, está sempre disposto a distribuir por aqueles que nada têm, um pouco de conforto e bem estar.

Recordando o trigésimo aniversário, um dos assistentes a tão solene acto, quer aproveitar o ensejo de lhes apresentar os seus mais respeitosos cumprimentos e desejar-lhes infinitas venturas, pedindo a Deus para que no seu lar continue sempre a Paz e o Amor, atributos perenes para uma vida feliz, é tudo quanto lhes deseja aquele que os abraça efusivamente e pede a Deus a eterna luz da Graça.

Pinhel, 18 de Dezembro de 1955.

Luís Augusto das Neves

Efemérides de Barcelos

A festa dos Bombeiros Voluntários de Barcelos na comemoração do seu 72.º aniversário

COMO sempre, plenas de brilho e entusiasmo, as festas dos bombeiros são festas da Cidade.

A vivacidade, a alegria da gente moça, empresta ao panorama citadino um matiz diverso.

É o barulho das sirenes, é o desfilar das fardas, são os abraços e cumprimentos que, de certo modo, tornam curtas as distâncias dos que longe chegam.

Vimos deputações de bombeiros de Barcelos, Barcelinhos, Gondomar, Esposende, Porto, Fafe, Vizela, Fão e Famalicão.

O comando geral foi destinado ao Snr. Mário Luís Mendes, de Fafe.

A missa foi celebrada pelo reverendo prior de Barcelos, que, no momento propício proferiu algumas palavras alusivas a acção humanitária do bombeiro.

Seguidamente prestou-se a homenagem à bandeira da cidade que fora hasteada na Câmara Municipal.

Depois de outras cerimónias foi benzida uma nova e modelar ambulância, que veio preencher uma lacuna.

À noite, como nos anos anteriores, teve lugar a ceia de confraternização onde alguns oradores usaram da palavra enaltecendo a obra humanitária dos bombeiros.

Não nos alongamos mais pelo facto de a imprensa local e diária o ter feito na devida oportunidade. Entretanto, gostosamente, aqui registamos os principais acontecimentos.

Dr. José Crespo

Começa hoje a colaborar nas colunas deste mensário o ilustre publicista e médico Dr. José Crespo.

Deus permita que a sua pena brilhante esteja sempre na vanguarda dos grandes e alevantados ideais. São os nossos votos de boa e sã camaradagem.

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de Fevereiro os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Domingos Gonçalves da Silva e Rosa Gomes de Figueiredo.

DIA 2 — Maria de Lourdes Baptista Caniceiro e Domingos Gonçalves Fernandes.

DIA 3 — Antónia G. da Silva e Maria da Conceição N. Pereira.

DIA 4 — Arminda da Costa Pereira, Maria Irene Gomes Ribeiro, Maria do Carmo M. P. Barbosa, Júlia Mendes Martins, Teresa da Silva Andrade, e João Gonçalves Duarte.

DIA 5 — Maria dos Anjos M. Gonçalves, Maria de Jesus Araújo, Margarida dos Santos Ferreira e Maria dos Prazeres P. Vilas Boas.

DIA 6 — Abílio Duarte Pedras e Maria Albertina Gomes Carvalho.

DIA 8 — Ana Miranda Rodrigues.

DIA 9 — Maria Helena B. Pereira.

DIA 10 — Rosalina Pires Freitas, Rodolfo Quintela de Azevedo e Maria Celestina Terroso Lima.

DIA 11 — António Luís Neiva Veloso, Teresa de Jesus L. Soares e Maria dos Prazeres Q. dos Santos.

DIA 12 — Maria da Conceição Lopes Alves.

DIA 13 — António Felgueiras, Ana da Silva G. Costa, Maria Adelaide Lopes Araújo e Maria da Conceição Fernandes.

DIA 14 — Maria Teresa Magalhães Faria.

DIA 16 — Glória Lopes Correia, Maria Júlia F. Carvalho e João Passos Ribeiro Novo.

DIA 17 — Mário da Sliva Freitas, Maria da Glória Oliveira Coelho, Rosa da Costa Senra, Maria Judite C. Miranda e Maria da Conceição Mota Pereira.

DIA 18 — Palmira Ferreira Pedras e Maria Angelina C. Salgado.

DIA 19 — Ilda Ferreira da Silva e Carolina Fernandes Ribeiro.

DIA 20 — Eduardo António da Silva, Maria do Carmo S. Coelho, Júlia Sá da Silva, Maria Amélia Garrido e Ana da Silva Lopes.

DIA 21 — Maria do Carmo P. Araújo e Maria Justina Gonçalves Ramos.

DIA 22 — Deolinda Simões Araújo, Rosa Lopes da Silva e Maria da Costa F. Borges.

DIA 23 — Rosa da Conceição Correia Lopes, Veríssimo Alves da Silva, Maria da Glória L. Pereira, Maria Acácia F. Durães e Zulmira Ferreira da Silva.

DIA 24 — Leopoldina Augusta Ferreira, Maria Real Ribadas e Maria Olímpia M. Gomes.

DIA 25 — Maria Virgíndia C. Rodrigues, Maria Isolina Dantas Correia, Marcelina da Conceição P. Novais, Teresa Ferreira Ribeiro e Maria Teresa T. Silva.

DIA 26 — Maria Emília Magalhães Faria, Maria Emília Soares Silva, Maria da Glória F. Carvalho e Carlos Alberto Freitas Lemos.

DIA 27 — Maria Cristina da Silva e José Ricardo Lourenço.

DIA 28 — Idalina Lemos Rodrigues da Silva, Augusto da Silva Lomba, Maria Amélia Moreira, Ana Lopes Fernandes e Laurinda Abreu da Silva.

DIA 29 — Maria Ribeiro de Carvalho.

Apresentamos os nossos sinceros parabéns.

Faz muito mal

Quis beijar-te. Fugiste. Torturado prostrei-me revoltado contra a vida. E tu, após me haver tanto humilhado, julgas-te ainda ser a ofendida.

Tens razão, minha amiga, e se meu fado é sofrer sem jamais ver colorida a existência em que sou tão desgraçado; — Segue tu, pelo mundo, embevecida...

A ti não culparei. Culpo os meus lábios que, descaradamente, sem ressábios buscaram os teus beijos, e, afinal

a u'a mulher bonita e inteligente, saudável como tu, faz muito mal o beijo de um rapaz triste e doente!

(Inédito)
Bauru — 953

Nivaldo Reis



PAGINA FEMININA

Saber escolher

OH Alice, aonde vais tu, tão apressada, que nem reparas em mim!...

E a Alice estremeceu, inquieta ao ouvir aquela voz amiga e terna que num misto de alegria e carinho lhe chegava aos ouvidos. Seria difícil descrever a confusa variedade de sentimentos que essa voz meiga e conhecida, fizera despertar naquela alma bondosa e naquela cabeça estouvada. Parou indecisa e deixou-se ficar quieta para tornar a ouvir:

— Oh Alice! não me vês?

Ela via bem o Mário e sentia a sua presença, mas... não sabia como o devia encarar... Há quanto tempo o não tinha visto nem sabia bem. Ultimamente os meses e os dias passavam tão rapidamente que, muita coisa havia, de que ela não tinha noção exacta. Fora tudo tão rápido. Tinha 18 anos apenas, mas o salário que ganhava dava-lhe independência e ela supunha-se, mais velha já, tantas eram as regalias de que gozava. Os pais, embora pobrezitos, tinham porém o suficiente para a vida modesta que sempre fizeram, e por isso dispensavam-lhe parte da fêria, a que ela também, por sua vez, se julgava com direito, pois não era sem sacrifício que muitas vezes ia trabalhar.

Com esse dinheiro, ganho à sua custa e de que ela somente era senhora absoluta, quase perdera a cabeça. Estontada com as facilidades não resistiu à tentação. Compra vestidos, casaco comprido, sapatos de tacão, blusas modernas e mil pequenos adornos: colares, brincos, alfinetes. Comprava do mais barato é certo, mas ela era tão engraçada e tão bonita até, bem o reconhecia, que tudo lhe ficava bem. Sentia-se feliz, e bem sabia que muitos rapazes a admiravam.

Quantos galanteios ela ouvia e porque não sentir-se vaidosa e até, que culpa tinha ela, de acalantar aspirações elevadas!...

Há um tempo para cá que se tinha esquecido de seguir alguns conselhos da mãe e pensava também, que, talvez, a consciência nem sempre estivesse à altura de interpretar, com justiça, certas atitudes destes tempos modernos...

Sentia, intimamente, uma vaga tristeza, uma sensação indefinida de desconsolo, um vazio no coração insatisfeito, mas andava tão atordoada, a sua vida decorria num ambiente tão ruidoso, entre gargalhadas e ditinhos, maliciosos, que, raras vezes, tinha tempo de se aperceber dessa sensação indefinida, que há muito, oculta e recalçada, teimava, por vezes, em subir à superfície da alma agitada e indecisa.

Num tumultar medonho, numa amál-

gama confusa, se entrechocavam agora naquela cabeça estouvada e naquele coração bondoso, sentimentos variados, de esperanças, arrependimentos, sonhos, devaneios, ambições confusas e perturbadoras.

Ainda estava parada, feliz de ouvir aquela voz terna que a chamava, uma vez mais — Oh Alice! não me vês?

Tinha saudades daquela voz amiga, tinha saudades da lealdade daqueles olhos, tinha saudades dos tempos em que se julgava verdadeiramente feliz com os anos daquele rapaz honesto, mas pobre, daquele operário, trabalhador e humilde, mas com uma alma cheia de belos sentimentos. Ele fora cumprir o seu dever, passando uns meses largos no quartel fortalecendo o corpo e a alma para os sacrifícios que a Pátria e a família lhe exigissem, no futuro. Agora, ali estava, mais robusto e mais moreno, de coração aberto a receber da Alice o carinho e a amizade com que, lá longe, tantas vezes sonhara...

Mas a Alice continuava indecisa e, mentalmente, revia os seus vestidos e blusas modernas, o casaco comprido, os sapatos de tacão esguio, os brincos, os colares, os alfinetes de fantasia e aquela «permanente» que, tão bem lhe ficava, no dizer das próprias amigas. Indecisa, vacilava... Poderia o Mário, junto com o seu amor leal oferecer-lhe tudo isto que ela julgava já indispensável! Não podia, não, tinha a certeza. Mas, quem lhe daria, com tudo isto a que ela aspirava, o amor sincero e puro do Mário?...

A Alice continuava parada e sentia correrem-lhe lágrimas ardentes que a sufocavam e lhe alagavam a alma inquieta e agitada por um turbilhão violento de ideias desencontradas.

Perturbada não conseguia reagir e não conseguia reagir porque não tinha a coragem de dar um rumo certo à sua vida.

Ao lado do Mário ela via-se feliz, mas sempre num nível de vida medíocre, com trabalhos, canseiras grandes e Deus sabe, se também com privações... Sem o Mário sentia-se atraída por mil tentações na ambição egoísta duma vida cómoda mas incerta...

...Continuava parada, pois a sua vontade amolecida não conseguia impor-lhe uma atitude. Deixou-se ficar, aguardando inconscientemente o que os seus sentimentos ou caprichos acabassem por decidir. Como o pêndulo do relógio a sua alma vacilava. Dum lado, sonhos arquitectados no ar, ambições, egoísmos,

vaidades; do outro lado o seu afecto puro e o anseio dum braço forte e protector a defendê-la nas lutas e acarinhá-la nas contrariedades da vida.

Aos ouvidos chegava-lhe o som daquela voz terna e amiga, mas diante dos olhos bailavam-lhe novamente os vestidos, o casaco, os sapatos, as blusas, os brincos e os colares...

A Alice não sabia, porque a sua alma nunca se tinha preocupado com estes problemas sérios da vida, se encontraria a felicidade fechando os olhos àquela visão tentadora ou se a felicidade estaria em abrir bem os olhos e antes tapar os ouvidos àquela censura amiga e sincera: Oh! Alice, não me vês!...

Quantas, como Alice, quando chegar o momento sério para escolher o caminho a seguir na vida, ficam indecisas, atormentadas e apáticas, sem uma vontade forte a nortejar os passos!...

Por muito nova que sejas, vai pensando que a tua vida precisa dum Ideal para o qual te vais dirigindo cada dia, que passa. É preciso que quando chegar o momento de decidires o teu futuro, saibas escolher!...

Mariana

Perfume errante

O sol desfaz-se muito brando e loiro por sobre o mar, — alvíssima bretanha. Fuenterrabía. Na tardinha de oiro os sinos tocam, ao deixar a Espanha.

Anda no longe um eco imorredoiro, — poeira de ternura em terra estranha... E eu penso em ti, meu bem e meu tesoiro, — penso no teu amor que me acompanha!

O sol desfaz-se numa chuva fina... Onde estará pousado a esta hora o teu olhar de moça e de menina?

E os sinos tocam, — tocam mansamente... Só eu na tarde lírica e sonora não sei dizer o que minh'alma sente!

António Sardinha



Dirigida por José Pires Bigote

Clube Desportivo de Barcelinhos

Com o pedido de publicação, que gostosamente registamos recebemos uma circular do Clube Desportivo de Barcelinhos, que seguidamente transcrevemos:

... Snr. Director do
Boletim Social da TEBE
BARCELOS

Permita-me que pelo presente venha trazer ao conhecimento de V. que nas Assembleias Gerais deste Clube, realizadas em 17 e 26 de Dezembro findo, foram eleitos e empossados simbolicamente os seguintes Corpos Gerentes para o exercício de 1956:

Assembleia Geral — Presidente: Dr. Celso Manuel de Sousa Lima Torres; Vice-Presidente: Dr. Manuel Henriques Moreira; 1.º Secretário: Carlos Eduardo Matos Vianna Lopes; 2.º Secretário: Manuel Rodrigues Pereira; Vogais: Manuel Maria Pereira e Manuel da Cruz Nascimento.

Direcção — Presidente: Dr. José António Pereira Machado; Vice-Presidente: José Pereira da Silva Corrêa; 1.º Secretário: Acácio Cândido Gomes da Costa; 2.º Secretário: Mário Marques de Faria Durães; Tesoureiro: Manuel Gomes Garrido; Vogais: Fernando Marques de Faria Durães e Rodrigo Gomes de Faria.

Conselho Fiscal — Presidente: Dr. Adelino Miranda Andrade; Relator: José Pimenta do Vale; Secretário: José Vieira de Faria.

Mais levo ao conhecimento de V. que na supra citada Assembleia de 17 do referido mês, foram propostos e aprovados votos de louvor e agradecimento à Imprensa pela boa vontade com que sempre tem protegido e acarinhado este Clube — criado por um desejo bem manifesto e sincero de ser útil a Barcelos e ao Desporto.

Com os melhores cumprimentos de estima, respeito e gratidão, ousou subscrever-me

A Bem do Desporto

O Presidente da Assemb. Geral do C. D. B.:

(José Pereira da Silva Corrêa)

Agradecemos sinceramente a parte que nos cabe no voto de louvor à Imprensa, que aliás nada mais fizemos do que cumprir um dever e seguir um lema: «Pugnar sempre pelo Desporto barcelense».

Associação de Patinagem do Minho

Dentro em pouco serão eleitos os novos corpos gerentes da entidade máxima do oquei minhoto. Já por diversas vezes focamos o assunto nestas colunas, e analisamos o problema da constituição da lista a eleger.

Lamentavelmente se alhearam os Clubes desta eleição, e por tal forma, que se recorreu a um processo já seguido em anos anteriores, e que poucos resultados práticos apresentou.

Na verdade em anterior direcção, o presidente escolheu os seus colaboradores, formando assim a seu bel-prazer o elenco directivo.

Das vantagens e inconvenientes que isto representa, poder-se-ia falar, porém, dado o desinteresse clubista que rodeou esta eleição melhor parece abstermo-nos de comentários e aguardar os acontecimentos.

Oxalá que a nova Direcção saiba sempre encarar com espírito desportivo e justiça os problemas que lhe surgirem, para bem do oquei minhoto e do oquei portugueses.

Pires Bigote

Carnaval de Ovar

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte:

«Com a imponentia dos anos anteriores, vai realizar-se em Ovar, no dia 12 de Fevereiro (Domingo Gordo), o grande Cortejo Carnavalesco, que costuma atrair àquela vila muitos milhares de visitantes.

Trata-se de uma parada de bom gosto, com numerosos carros alegóricos de fino recorte artístico, tripulados por gentilíssimas raparigas vareiras, dezenas de gigantes e cabeçudos e um sem número de mascarados e foliões, bizarramente vestidos, criando situações engraçadíssimas e provocando estrepitosas gargalhadas à sua passagem.

É vasto, porém, o período carnavalesco em Ovar, pois vai de 5 a 14 de Fevereiro, efectuando-se vários números da maior hilariedade.

Assim, no dia 5, chega Sua Majestade El Rei Momo à estação da C. P. onde lhe será feita grandiosa recepção, seguida de

FUTEBOL

Dissemos no último número que a primeira volta do Campeonato da II Divisão não tinha sido favorável ao clube de Barcelos, mas confiávamos que na segunda metade o clube iria lançar-se na recuperação.

Na verdade, se bem pensamos e confiamos, melhor os gilistas o souberam cumprir.

A sua posição era bastante melindrosa e havia a necessidade imperiosa de se libertar desse abismo que a nenhum clube agrada. A equipa tentou todos os esforços e agora os resultados mais satisfatórios, tornaram já o grupo livre de perigo. Foi a vontade de fugir ao último lugar que levou os gilistas a forçarem o ataque e desta maneira os números surgiram.

O final do campeonato ainda vem longe e é preciso manter esta força de vontade até final porque pode surgir alguma hora má.

Da mesma forma pugnamos o União de Coimbra que entreolhando-se com o grupo de Barcelos, também lançou a sua cartada e se libertou do perigo.

Nos lugares cimeiros estão o Boavista, Vitória e Salgueiros e é de prever que serão os favoritos da prova. Talvez o primeiro lugar seja ocupado pelo clube Minhoto que tendo iniciado mal o campeonato, se lançou numa excelente recuperação e a par dos bons resultados e boas exibições chegou ao cimo da tabela.

O Vitória que possui um bom conjunto e que é o grupo que melhor futebol pratica na Zona, terá quase que garantida a sua presença na Divisão superior.

O Académico de Viseu, que ocupa o último lugar está condenado a baixar de Divisão. Os seus esforços não têm sido suficientes e têm deixado escapar os que lhe iam mais próximo.

Pê Ele

Cortejo e alocação; no dia 7 (terça-feira), à noite, efectua-se a eleição de «Miss Carnaval 1956», com representantes dos mais típicos bairros, numa impagável «charge»; no dia 9 (quinta-feira (também à noite), é organizada uma *marcha de mascarados*, em homenagem a El Rei Momo; no dia 12 (Domingo Gordo), sairá o Grande Cortejo Carnavalesco, o melhor e mais imponente número do Carnaval de Ovar, que goza de indiscutível fama, e, finalmente, no dia 14 (Dia de Carnaval), Tarde do Carnaval Popular, igualmente com muito sabor entrudesco, nos capítulos de alegria e colorido.

Na verdade, quem dentro deste período de autêntica euforia carnavalesca se deslocar à linda vila vareira, por certo que não dará o seu tempo por mal empregado».



Secção dirigida por JAIME FERREIRA

Comentários...

DURANTE muito tempo, alimentamos a esperança de poder apresentar e manter uma secção como a presente, para devaneio dos nossos leitores.

Felizmente que constatamos um relativo interesse por este nosso PASSATEMPO, o que nos leva a continuar com esta Secção até que os nossos prezados leitores assim o entendam.

Resta-nos agradecer a todos os concorrentes a assiduidade das suas respostas e garantir-lhes que prosseguiremos com o mesmo entusiasmo inicial.

GRALHAS — Mais uma vez esta "ave" daninha penetrou no nosso "Passatempo". Assim e nos "cartões de visita", safu incompleto o 7.º nome, que devia ser D. Gregório H. Nenhar Feio e o penúltimo cujo nome completo devia ser D. Manuel da Fazenda de Leite Cid.

Desculpem-nos os leitores, mas isto é inevitável. No entanto constatamos que, na sua grande maioria, os concorrentes verificaram as omissões e responderam acertadamente, embora a medo...

PROBLEMAS — Duas palavras somente sobre os apresentados no último número.

— Os fósforos queimam e alguns concorrentes tiveram receio de ter de ir para o Seguro... Era fácil... Damos um quadro com as várias possibilidades de solução.

— As Terras de Portugal são ainda uma grande atracção, ajudando a recordar a esquecida geografia. Prosseguiremos.

— A matemática vai passar a ser o nosso forte, pois verificamos que nem todos souberam fazer os cortes no tampo mais pequeno da mesa.

— Na "troca de letras" fomos forçados a não marcar ponto ou mesmo décimos a quem não tivesse apresentado as 12 palavras pedidas.

— Os cartões de visita, são de facto maravilhoso meio de apresentação.

PRÉMIOS — A lista geral dos prémios que pensamos atribuir aos 3 concorrentes classificados no "Quadro dos Campeões" será indicada no próximo número, no entanto prometemos não deixar o nosso crédito por mãos alheias.

Para que verifiquem bem, aqui deixamos as exactas respostas aos problemas propostos no nosso número do Natal e referente à V Série.

Soluções aos problemas da V Série

I — Prova de argúcia

$\frac{II}{II}$ ou $\frac{V}{V}$ ou $\frac{X}{X}$ ou I ^{VII}	= 1
III—I ou IxII ou $\frac{X}{V}$	= 2
II+I ou IV—I ou V—II ou $\frac{III}{I}$	= 3
$\frac{IV}{I}$	= 4
VI—I ou X—V ou IxV ou $\frac{X}{II}$	= 5
V+I ou $\frac{VI}{I}$	= 6
VII ^I	= 7
IX—I ou X—II ou II ^{III}	= 8
$\frac{IX}{I}$ ou III ^{II}	= 9

II — Maçada geográfica

a) — S. Nicolau	f) — Paço
b) — Ermida	g) — Raiva
c) — Lago	h) — Malta
d) — Outeiro	i) — Tolosa
e) — Jejuá	j) — Atalaia

NOTA — Podemos informar que houve um concorrente que respondeu exactamente como indicado.

III — Paciência matemática

Pretendia-se que o tampo da mesa ficasse com a forma quadrada, mas com 1,25 de lado, pois inicialmente tinha só um metro de lado.

O marceneiro executou este trabalho, da seguinte forma: deu 3 cortes de serra no primeiro tampo, obtendo assim 4 tábuas de 1 m. de comprimento por 0,25 de largura.

Como a madeira que sobrara tinha forma quadrada com 0,75 m. de lado, bastou dispor as 4 tábuas e adaptá-las ao quadrado da madeira que sobrara; e sem mais cortes empregou toda a madeira e obteve o tampo definitivo com a forma quadrada de 1,25 m. de lado, como acima se disse.

NOTA — Houve quem quisesse chegar a esta conclusão, mas começou sempre pelo 2.º tampo. Foram indicados métodos mais ou menos complicados, mais este é o mais racional.

IV — Frases cortadas

a)/4	—	b)/8	—	c)/6	—	d)1	—	e)/9
f)/5	—	g)/10	—	h)7	—	i)3	—	j)2

V — Troca de letras

Gosar — Grãos — Grosa — Sargo — Sogra — Sagro
Sogar — Argos — Agros — Rogas — Rasgo — Goras

VI — Cartões de visita

Engomadeira	Agricultor
Lavadeira	Engenheiro Hidrógrafo
Padeira	Conservador do Registo Civil
Farmacêutico	Lente da Faculdade de Medicina
Nadador	Bacharel formado em Direito

VII — Hieroglifos comprimidos

Condecoração — Italiano — Chapéu
Matadouro — Favorita — Alfaiate

VIII — Pergunta fácil

O dia de ontem.

Para a VI Série, separamos e compusemos alguns problemas engraçados que propomos à inteligência dos nossos estimados leitores-concorrentes. Apliquem, pois, a vossa argúcia, raciocínio e matéria cinzenta, pois como poderão mais tarde verificar são muito fáceis. É o caso do ovo de Colombo, é certo, mas para tudo é preciso saber ler e compreender.

Eis, pois, os problemas da

VI SÉRIE

I — Prova de argúcia (1 ponto)

Empregando 13 fósforos inteiros e um partido ao meio, formar palavras sinónimas das que a seguir enumeramos.

- 1 — Vinco dos lábios ou da face.
- 2 — Peneira de arame.
- 3 — Compacto.
- 4 — Instrumento musical.
- 5 — Acontecimento.
- 6 — Frade trinitário.
- 7 — Nome de um peixe.
- 8 — Salitre.
- 9 — Cidade italiana.
- 10 — Fruto.

OBSERVAÇÃO — O fósforo partido só se pode colocar nas seguintes letras: A, E, F, H, P, R. Também se pode colocar como til (~).

II — Quadrados mágicos (1 ponto cada)

	5	

	8	

Completar os diagramas acima, construindo dois quadrados mágicos, que consistem em que a soma de cada linha horizontal, vertical ou diagonal seja, em qualquer deles, 18.

III — Maçada geográfica (1 ponto)

Com as seguintes letras formar palavras correspondentes ao enunciado:

AAEIOTZ	— Vila portuguesa
ROSLIVEIS	— Aldeia minhota
BULATES	— Cidade portuguesa
ADAAIUGN	— Rio português
LERTAES	— Serra portuguesa
RASCUE	— Lagoa de Portugal
PERAS	— Serra portuguesa
BOICRAM	— Cidade metropolitana
TERMOSAL	— Vila portuguesa
DALAMA	— Vila portuguesa

IV — Paciência matemática (1 ponto)

Certo vendedor de azeite, pretendia servir um cliente seu que apenas desejava 7 litros daquele produto; porém a dificuldade estava nas medidas pois que, apenas possuía uma medida de 15 litros, e outra de 6 e outra de 2 litros.

Depois de muito pensar, conseguiu medir a quantidade que o cliente desejava, ou sejam os 7 litros.

Poderão dizer-nos como procedeu o nosso homem?

V — Troca de letras (1 ponto)

Formar 10 palavras diferentes com estas cinco letras: VLSEA

VI — Cartões de visita (1 ponto)

Encontrar as profissões nos seguintes:

PISCO MORTO	TREGI SIMAS
GASTES MAIS	Eugénio Ranal Q. Nevinha Timas
COR. VIDEIRA	Dinis E. França Pestana
O. REI. TURINT	Alfredo A. F. Gracindo Vieira
TIRANO PRICE	Carlos Frederico Eloi F. Sá Geitoso

VII — Hieroglifos comprimidos (1 ponto)

OO Mulher oferece

A ó fruta contente

Cá verbo animal

Agora

sol

Preposição pronome R 2

VIII — Números primos (1 ponto)

Qual é o número primo de quatro algarismos em que se encontram os quatro números 1, 2, 3, 4?

As classificações após a V Série do Passatempo são as seguintes:

QUADRO DOS CAMPEÕES

1.º — Licínio Waldemar Esteves	22,7 pontos
2.º — Odagled	18,2 "
3.º — João Cândido da Silva	17,0 "

Imediatamente a seguir e com diferenças mínimas, encontramos:

Taquim e Tacos	16,9 pontos
A. Lima F. Magalhães.	16,1 "
Alfa	16,0 "
Fremando	15,5 "

Depois e já com poucas possibilidades de conseguir entrar no quadro, desalojando, claro, os actuais campeões, encontram-se os seguintes concorrentes:

Fernando Pereira	15,3 pontos
Mariolinda	14,5 "
Marimila	14,3 "
Odraude	14,1 "
Maria Teresa Albuquerque	13,1 "
José F. Lima da Costa	12,9 "

No entanto, tudo é possível nestes concursos e a desistência ou até a "escorregadela" dum concorrente, pode levar outros menos classificados a treparem na escala dos pontos e atingir o cimo da Tabela, num abrir e fechar de olhos.

A obra, pois, argutos leitores...

Miscelânea Cultural

Por M. D.

Da história universal

Depois de Roma ter terminado a segunda guerra púnica e se sentir senhora da parte litoral do mediterrâneo Ocidental, resolve ir mais longe... e assim em 195 inicia a conquista da Espanha e reconquista a Gália Cisalpina e a Ligúria, que anteriormente se tinham revoltado. Em 155 conquista a Istria e a Dalmácia.

Roma, após a derrota de Cartago, ficou de posse da Espanha, que foi dividida em duas províncias: Hispânia Citerior ou bacia do Ebro e Hispânia Ulterior, ou bacia do Guadalquivir. As resistências encontradas pelos romanos depressa foram vencidas dada a grande preparação e superioridade militar.

Os principais arautos e pugna-dores romanos foram: Catão, que dominou a insurreição da Espanha do Norte; Paulo Emílio, que venceu os lusitanos e Tibério Semprônio Graco, que dominou os celtiberos e com eles concluiu uma aliança.

Da resistência da Lusitânia nos ocuparemos posteriormente.

Da Filosofia (rudimentos)

Não vamos alargar-nos sobre um tema que, por interessante, só a uma minoria interessaria. Portanto, limitámo-nos, hoje, a dar apenas algumas noções e estas somente da Metafísica.

A Metafísica é a bem da verdade a parte mais essencial da filosofia porque é, sem dúvidas, a que mais se oferece, para o nosso campo a algumas interessantes especulações filosóficas.

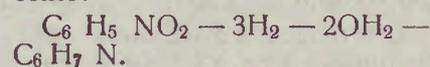
O que é afinal Metafísica?... R. — É a parte da filosofia que estuda e analisa os primeiros princípios do conhecimento, a natureza íntima das coisas, a causa primeira ou a noção da existência de Deus, a finalidade do universo, o destino da vida humana.

Estes assuntos, filosóficos na sua essência, estão acima e para além dos métodos da ciência.

Da química

Vamos dar uns leves apontamentos sobre a *anilina* que tem uma função grande na indústria de tinturaria.

A Anilina (C₆H₅NH₂) existe no óleo médio do alcatrão da hulha, porém industrialmente prepara-se pela redução do *nitrobenzeno* pelo hidrogénio nascente:



A fórmula da anilina C₆H₇N pode escrever-se C₆H₅NH₂ visto que pode resultar da do nitrobenzeno pela substituição de 2O do radical NO₂ por 2H.

(A fórmula da anilina pode considerar-se proveniente da derivação do fenol pela substituição do oxidrilo pelo aminogénio. A anilina tem propriedades amoniacais. É, com verdade, uma amina aromática e está intermediária, nas suas propriedades essenciais, às aminas e amidas alifáticas, pela razão do fenol, donde provem a anilina, ser intermediária aos alcois e ácidos alifáticos).

Da Literatura Portuguesa

A literatura portuguesa, rica de dados, plena de beleza, é bem digna da nossa maior admiração e carinho.

Através dela podemos ler a nossa grandeza nas letras e ficar cientes que somos uma nação com uma cultura e uma língua, ricas em todos os sentidos e grande em todos os sectores.

Se nos transportarmos à Idade Média e lermos o que nessa altura se escreveu, podemos constatar já uma sólida afirmação da natureza humana no desejo de conseguir uma vida mais livre, numa época "em que uma onda de severa ascese alagava toda a Europa, e a Igreja procurava a todo o transe consolidar o seu domínio sobre os espíritos. O seu êxito na Europa central e ocidental diz-nos que esse sentimento de liberdade correspondia a uma aspiração profunda.

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

Visado pela Comissão de Censura



NUM domingo, de tarde, descia eu a rua da Fábrica a caminho da Batalha, onde me esperavam duas amigas para darmos um passeio até Gaia.

Era o meu dia de saída. Eu costumava ir para o Palácio, mas, nesse domingo, deixei as minhas colegas no Jardim da Cordoaria, entretidas com as rifas e os gansos do lago, disposta a passar a tarde vendo o movimento da Ribeira, com a chegada das embarcações que abeiram o cais, a fim de descarregarem as mercadorias para o mercado de segunda-feira, e com a passagem dos excursionistas que, nos barcos embandeirados e iluminados, descem o Douro...

Levava ao pescoço o meu rico cordão de três voltas iguais. Reluzia, com a libra de cavaliinho encastoadado, sobre a blusa de crepe vermelho. Vinha bem arreada e todos me olhavam, principalmente os paspalhões dos homens que, cheirando-lhes a pó de saia, ficam com a cabeça à razão de juros...

Passou por mim uma mulher de meia idade, bem parecida, vestindo à tricana, de chaile de franjas aveludado e chinelinha. Andei mais uns três ou quatro passos, quando ouvi suspirar alto:

— Ai Jesus!

Eu olhei para trás e vi a mulher parada no meio da rua, fitando-me compungida. Chegou-se para mim e disse:

— Ai, minha rica menina, se soubesse o que me aconteceu... Até tenho vergonha de gritar e de me queixar:

— Então o que é que foi que lhe aconteceu? — indaguei.

— Ó, minha rica menina, o que é que havia de ser? Saí agora do comboio e trazia uma mala. Apareceu-me um garoto, destes que são carrejões, e disse-me assim: "Quer que lhe leve a mala, minha senhora?" É claro que aceitei, eu que não sou daqui e venho ao Porto para pagar uma promessa que meu pai, que regressou da América, fez ali para os lados da Foz a um santo que dizem que faz milagres. Confiei a mala ao rapaz e ele pediu-me que esperasse um bocadinho, que ia buscar outras malas, e nunca mais me apareceu.

Parecia muito preocupada e tinha os olhos molhados de lágrimas.

UM CONTO POPULAR

Ladrões da Rua...

Pôs-se a ajeitar o lenço e acrescentou.

— A menina é daqui? Conhece aqui alguém da polícia?

— Eu também não sou de cá. Não conheço cá ninguém e agora levo pressa — respondi.

— Ai, meu Deus, que há-de ser de mim quando chegar a casa e cisser ao meu pai que deixei roubar a mala, que continha umas coisas de grande valor!

E as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces abaixo. Limpou-as com um lençinho de seda, que tirou do bolso, e ajuntou:

— E ele que já adivinhava e me recomendou que tivesse cuidado, que não deixasse roubar nada! Ainda bem que, graças a Deus, não me roubaram o dinheiro, que esse tenho-o aqui no seio bem guardadinho... Quer ver, minha rica menina?... Dinheirinho tenho eu!

Meteu a mão no seio e tirou um grande maço de notas de quinhentos escudos, novinhas. Eu vi bem que a de fora era de quinhentos escudos e as outras também o eram, segundo ela afirmou.

Eu vinha andando e, conforme eu andava, a mulher seguia comigo, sempre naquela ladainha. E, assim, atravessámos a rua de Sampaio Bruno, descemos a Sá da Bandeira e entrámos na rua 31 de Janeiro. E eu cheia de dó, porque a mulher meia pena. Olhávamos para todos os lados, a ver se o rapaz aparecia. Eu ainda lembrei:

— Porque não vai queixar-se à polícia?

Ela, então, muito choramingona, respondeu:

— Tenho vergonha. Ainda se riem por cima. Além disso, tenho aqui este dinheiro e receio que a polícia desconfie de mim, visto eu não ser de cá, e me prenda. Meu pai, se vem a sabê-lo, ele que é de idade e doente, pode dar-lhe alguma coisa. Prefiro perder a mala e calar-me.

E não me largava, nem deixava de me acompanhar.

Ao chegarmos a meio da rua 31 de Janeiro, uma montra chamou a minha atenção. Parei a vê-la. Ela parou comigo. Olhei para o lado e vi um sujeito muito bem vestido, de mãos nos bolsos, com a gabardine aberta, deixan-

do ver uma boa corrente de outra atravessada no colete. Deitei-me junto de nós, a espreitar também para a montra.

Ela a retirar-me e ela fez menção de retirar-se comigo, mas, considerando, pôs-me a mão no ombro e voltou-se para o tal sujeito, dizendo:

— Com licença, menina. Está aqui este senhor, que a gente pela cara parece que conhece as pessoas, quando elas são boas...

Eu fiquei quieta, à espera de que a mulher ia fazer. Ela chegou-se para ele e interpelou-o com voz lacrimosa:

— Ó meu senhor, dá licença que lhe faça uma perguntinha...

O sujeito olhou de canto para a mulher, assim como que meio intrigado, e inquiriu:

— Que é que a senhora quer?

— Ó meu senhor, é que eu, no meio de tudo isto, até tenho vergonha de me queixar. Nem quero que ninguém ouça para que ninguém se ria de mim. O que lhe vou dizer é o que tenho vindo a contar a esta menina. Eu não sou de cá...

— Também eu não. Estamos iguais. Mas, diga lá, se for coisa em que eu lhe possa valer...

Ela contou-lhe então a mesma história: da mala desaparecida, do pai que veio da América, da promessa que ia cumprir, e rematou:

— Esta menina já me aconselhou que me queixasse à polícia. Graças a Deus, ainda aparecem almas boas! Mas eu, como tenho aqui este dinheiro todo — e meteu de novo as mãos no seio e mostrou-o — receio que me prendam.

— Ainda bem que lhe ficou o dinheirinho — murmurou eu, nesse momento, com imensa pena da mulher.

O cavalheiro, apesar de não se mostrar lá muito interessado, observou atentamente:

— Pois, nesse caso, minha senhora, não lhe posso fazer nada, porque não sou de cá e nem conheço cá ninguém e não tenho que me ir embora... Mas esta menina, visto a senhora dizer que ela lhe parece boa, é que lhe pode guardar o dinheiro. Entregue-lho e pede-lhe o nome e a morada. No caso de querer ficar mais garantida, o que é natural, ela pode deixar na sua mão, até a senhora lhe aparecer, o cordão, os anéis...

(Continua na página 2)



O Sr. Carlos Aleluia agradece os aplausos da numerosa assistência da **TEBE** que, com entusiasmo, soube aplaudir a belíssima actuação do Grupo Coral Aleluia